

VITORINO NEMÉSIO – O HOMEM E A OBRA

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia
Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Deputados
Exma. Senhora e Exmos. Senhores Membros do Governo

Ao falarmos de Manifestações Culturais, estamos necessariamente a falar de tudo aquilo que não é natural, ou seja, tudo aquilo que é construído pelo homem e do qual este tira uma mais valia. Uma Manifestação Cultural é tanto um cesto de vimes, como uma canção popular, uma variedade linguística, uma dança de carnaval, um concerto por uma filarmónica, um «balho» à antiga, uma peça de louça tradicional, a culinária, ou uma obra artística ou literária que podem ter tanta importância patrimonial como uma igreja, um forte, um moinho de vento, uma ruína do século XVI ou um edifício vanguardista do século XXI.

A Cultura só se pode manter por ela própria e para isso tem que ter agentes activos.

E é o gosto, o empenho e o espírito de sacrifício de muita e muita gente, açorianos ou não, que por estas 9 ilhas fazem com que, por um lado, a modernidade chegue também a estes 9 rochedos perdidos no meio do Atlântico Norte e que por outro, as nossas tradições, os nossos costumes, a nossa história se mantenham vivas até aos nossos dias. E isto nós devemos em grande parte, aos nossos escritores, aos nossos investigadores, aos nossos historiadores.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora e Senhores Membros do Governo. Vimos hoje aqui falar-vos de um grande homem, de um prodígio de cultura, de um «artista da palavra», de um açoriano de corpo inteiro e de alma cheia de açorianidade, que nos legou uma obra fabulosa e notável, que sem heterónimos é considerado o mais plural e variado poeta português do século XX. Estamos a falar de Vitorino Nemésio. Hoje faz precisamente 30 anos que Vitorino Nemésio faleceu.

Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva nasceu na Praia da Vitória, ilha Terceira, a 19 de Dezembro de 1901. Foi poeta, cronista, ficcionista, ensaísta, historiador da literatura e da cultura, biógrafo, investigador, filólogo, professor, jornalista e comunicador televisivo.

Não tendo sido um aluno brilhante, Vitorino Nemésio, desde cedo, manifestou especial interesse pela escrita, tendo publicado o seu primeiro livro de poesia, *Canto Matinal*, com apenas 14 anos (Agosto 1916).

Irreverente, Vitorino Nemésio viu-se envolvido em várias disputas estudantis que lhe valeram a expulsão do Liceu de Angra, no 5.º ano e que o levaram à cidade da Horta, entre Maio e Agosto de 1918, para se apresentar a exames como aluno externo do Liceu Nacional da Horta. Em 1918, a Horta possuía um ambiente cosmopolita, um comércio marítimo intenso e grande animação nocturna, que contribuiu, sem dúvida, para que Vitorino Nemésio viesse, em 1944, a publicar a sua obra prima *Mau Tempo no Canal*. Mas é em Coimbra, em 1921, que Vitorino Nemésio conclui o liceu e inscreve-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Mais tarde, em 1924, muda de curso e matricula-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Ciências Histórico-Geográficas. É em 1925, que opta definitivamente pelo curso de Filologia Românica. No ano seguinte, a 12 de Fevereiro, em Coimbra, casa com Gabriela Monjardino de Azevedo Gomes, de quem teve quatro filhos.

Em 1931, Vitorino Nemésio inicia a sua carreira académica, na Faculdade de Letras de Lisboa, leccionando Literatura Italiana.

Em 1934, Vitorino Nemésio doutora-se em Letras pela Universidade de Lisboa, com a tese *A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio*. No mesmo ano inicia o desempenho de funções de «chargé de cours» na Universidade de Montpellier. Entre 1937 e 1939 lecciona na Universidade Livre de Bruxelas, regressando naquele ano a Portugal, ao ensino na Faculdade de Letras de Lisboa. Em 1958 lecciona no Brasil (na Baía, Ceará, Rio de Janeiro, etc.). Para além da sua actividade literária e de docência, Vitorino Nemésio dava conferências, colaborava em várias

revistas e jornais, nomeadamente *Seara Nova*, *Presença*, *O Diabo e Diário Popular*, foi redactor de jornais e assumiu a direcção do jornal *O Dia*, a 11 de Dezembro de 1975. Em 1969, inicia uma colaboração regular com a RTP, com o programa *Se bem me lembro* que o torna como figura impar em matéria de comunicação áudio-visual.

A 12 de Dezembro de 1971, Vitorino Nemésio profere a sua «Última Lição», na Faculdade de Letras de Lisboa, onde ensinara durante cerca de 40 anos.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora e Senhores Membros do Governo. A obra de Vitorino Nemésio estende-se desde a ficção à poesia, passando pelo ensaio, pela biografia e pela crónica e encontra-se fortemente marcada pelas suas raízes insulares, pela vida açoriana e pelas recordações da sua infância. A sua experiência de ilhéu encontra-se presente na sua obra em geral. Segundo o escritor «...os Açores estão mais ou menos na raiz de tudo quanto faço. A tartaruga puxa sempre para o mar». Segundo Óscar Lopes a poesia nemesiana pode ser agrupada em dois ciclos distintos «No primeiro ciclo a temática está relacionada com a insularidade, com a saudade à ilha, à infância, à adolescência, ao pai e ao seu primeiro amor proibido. Toda esta temática está bem visível em *O Bicho Harmonioso* e em *Eu, Comovido a Oeste*. No segundo ciclo já se nota uma transmutação de temas, enveredando para uma temática religiosa e metafísica. Coloca questões acerca da vida e da morte, do ser (...) e da busca de sentido para a existência. Por isso o poeta é identificado com a corrente filosófica existencialista. A par desta poesia erudita o poeta cultivava também uma poesia popular, profundamente marcada por símbolos de açorianidade, pelo que muitas vezes é acusado de regionalismo literário na sua obra». Como exemplo da poesia genuinamente religiosa em Nemésio temos a sua obra *O Pão e a Culpa*, editada em 1955. Não podemos esquecer a sua devoção brasileira, representada na obra *Violão de Morro* e nos relatos de *Caatinga e Terra Caída* (1968) e pelos *Poemas Brasileiros* (1972), assim como também, a sua paixão francesa com *La Voyelle Promise*. Sobre *La Voyelle*

Promise, publicada em 1935, Nemésio disse o seguinte: «Eu não acreditava na autenticidade de poemas escritos numa língua alheia; parecia-me uma coisa provocada, falsa, uma habilidade de almanaque. Mas um dia senti necessidade de dar a amigos franceses uma amostra da nossa poesia (...). A primeira coisa menos aleijada que me saiu foi um poemazinho que intitulei «Jeune fille açoréenne à Marseille», lírica e fantástica peripécia de uma emigração de alma. (...) a tal Vogal Prometida (..) tem coisas muito fracas. Mas também tem coisas aproveitáveis, pobre poesia autêntica, e muita dela radicalmente insular e marítima». Não podemos esquecer que Vitorino Nemésio também poetou na língua espanhola com «Al Paso de Castilla» da obra *Nem Toda a Noite a Vida* (1953). O seu último livro de poesia impresso em vida foi *Sapateia Açoriana, Andamento Holandês e Outros Poemas*, publicado em 1976.

Vitorino Nemésio para além de notável poeta, foi também um admirável ficcionista. Escreveu, o que muitos consideram, uma das obras-primas da literatura portuguesa – *Mau Tempo no Canal* (1944) – obra incomparável na literatura portuguesa do século passado e o melhor romance açoriano de sempre. A acção passa-se nas ilhas do Faial, do Pico e de São Jorge, com um longo capítulo de desfecho na ilha Terceira, em Angra do Heroísmo. Contudo o núcleo da intriga desenvolve-se na Horta. Segundo Machado Pires «...em *Mau Tempo no Canal*, Vitorino Nemésio pôs toda a sua alma e empenho: a erudição, o saber sobre os Açores, os seus dramas pessoais e afectivos disfarçados, as cores, os cheiros e as experiências, estava tudo lá». O próprio autor de *Mau Tempo no Canal* refere o seguinte: «Parece-me que fiz realmente um romance das ilhas – a nossa gente, a nossa lava, o nosso mar...».

A sua primeira obra de ficção intitula-se *Paço de Milhafre* e foi publicada em 1924.

Vitorino Nemésio nos seus romances conseguiu imprimir uma certa originalidade de escrita, principalmente na descrição dos lugares e das personagens, como é por exemplo o caso de *Varanda de Pilatos* (o seu primeiro romance que foi publicado

em 1927) e a *Casa Fechada* (1937) composto por três novelas: *O Tubarão, Negócio de Pomba e a Casa Fechada*.

Vitorino Nemésio também escreveu obras biográficas, temos como exemplo, a aqui já mencionada, tese do seu doutoramento *A Mocidade de Herculano até à Volta do Exílio*, assim como também, a biografia de Isabel de Aragão, Rainha Santa, publicada em 1936. Por fim, não podemos esquecer a sua vertente de cronista e de ensaísta. A sua primeira recolha de ensaios intitula-se *Sob os Signos de Agora Temas Portugueses e Brasileiros*, publicada em 1932; *Relações Francesas do Romantismo Português*, em 1936; em 1941 publica o ensaio *Gil Vicente, Floresta de Enganos; Ondas Médias* em 1945 onde reúne as palestras radiofónicas que vinha fazendo na Emissora Nacional e em 1958 o ensaio *Conhecimento de Poesia*. Em 1954 publica o volume de crónicas de viagens brasileiras *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos* e em 1956 *O Corsário das Ilhas* que reúne apontamentos de viagens aos Açores e à Madeira e constitui uma mistura de registos literários, entre a crónica de viagem e a autobiografia. Mostra um Vitorino Nemésio desterrado na sua própria terra natal, pela violenta carga emocional que o regresso lhe provoca. Não podemos deixar de referir que Vitorino Nemésio, também, escreveu e deixou impressa uma peça de teatro intitulada *Amor de Nunca Mais*, que foi publicada em 1920.

Em 1965, Vitorino Nemésio recebe o Prémio Nacional de Literatura pelo conjunto da sua obra e em 1974 o Prémio Internacional Montaigne, da Fundação Freiherr von Stein/Friedrich von Schiller, de Hamburgo.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora e Senhores Membros do Governo. Vitorino Nemésio foi e é sobretudo um poeta. Escreveu poesia ininterruptamente desde 1916, com o *Canto Matinal* até 1976 com *Sapateia Açoriana, Andamento Holandês e Outros Poemas*. E é com o «Vitorino poeta» que gostaríamos de finalizar a nossa intervenção, fazendo uma referencia ao seu livro inédito de poemas de amor dedicados à última das suas paixões, a Margarida Vitória, Marquesa Jácome Correia, intitulado *Poemas para Marga, do seu criado Vitorino*,

que reúne 130 poemas escritos entre 28 de Março de 1973 e 14 de Maio de 1977. Antes de falecer, Vitorino Nemésio, num jeito de adolescente apaixonado, copiou alguns destes poemas para dois caderninhos de recolha de autógrafos. O primeiro caderno estava totalmente preenchido com 53 poemas que Vitorino Nemésio intitulou de *Caderno de Caligraphia. Pertencente à menina Margarida Victória q. lhe oferece o Victorino Nemésio*, Lisboa, 29 de Março de 1973. O segundo caderno intitulado 2.º *Caderno de Caligraphia. Offerecido à menina Margarida Victória pelo seu menor criado e bem querido Victorino Nemésio* está datado de Lisboa, 4 de Junho de 1977 e apenas contém 4 poemas. Os dois cadernos contêm diversos desenhos autógrafos, que funcionam em diálogo ou como ilustração de alguns dos poemas. Em 2003, Luiz Fagundes Duarte, a pedido de Margarida Vitória, editou a obra *Caderno de Caligraphia e Outros Poemas a Marga*, que reúne os poemas contidos no primeiros Caderno e aos quatro do segundo Caderno, Fagundes Duarte juntou mais 70, que Nemésio não tivera oportunidade de copiar por causa da doença de que viria a falecer.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora e Senhores Membros do Governo. *Caderno de Caligraphia e Outros Poemas a Marga* trata-se de uma obra composta por poemas sobre a vida íntima de Vitorino Nemésio. Vida íntima à margem da moralidade estabelecida, socialmente condenada. Trata-se de uma bela história de amor. Um amor sem limites de idade, um amor que acontece já no Outono da vida. Podemos classificar genericamente estes poemas como «eróticos». Não são simplesmente poemas de amor, mas são também um «assomo de vitalidade carnal nos últimos anos de vida de um poeta». Segundo Pedro Mexia «O que notamos, antes de mais, nestes poemas eróticos de Nemésio, é a sua extrema violência, pelo menos dentro do contexto da sua obra. Violência propriamente sexual, mais ou menos descritiva, mas também violência de ímpeto existencial e de inventividade verbal absolutamente extraordinária, quase sem paralelo na poesia portuguesa. (...) São, em certa medida, textos de circunstância, bilhetinhos de amor,

recados, piadas privadas...». Ao longo dos seus poemas Nemésio dirige-se a Margarida Vitória com diminutivos, com «petit noms»: *Marquesinha, Margarida, Sãmiguela, Marga, Cadela Pura, Macaca de Fogo*. Mas também a compara, à Margarida de Goethe, não fosse a sua amada sempre uma encarnação da literatura. Segundo Mexia «Margarida é assim um nome, uma alusão literária, uma flor, enquanto Vitorino é gémeo de Vitória, sendo que «vitória» tem uma conotação sexual, mas também geográfica (Praia da Vitória). (...) vários poemas têm tema açoriano, visto que o poeta e a amada eram ambos dos Açores. (...) Margarida representa não apenas os Açores mas a «açorianidade». Isso é sobretudo verdade para o período pós 25 de Abril, em que o desejo autonómico se confundiu, por um certo período, com um desejo independentista, sendo Nemésio uma das figuras de proa desse movimento».

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Senhora e Senhores Membros do Governo. Finalizaremos a nossa intervenção com um dos poemas que Vitorino Nemésio dedicou à sua última paixão, Margarida Vitória, Marquesa Jácome Correia que se encontra incluído no *Caderno de Caligraphia. Pertence à menina Margarida Victória q. lhe oferece o Victorino Nemésio* e que na obra editada por Fagundes Duarte, constitui o poema n.º 51.

Vem, Macaca de Fogo,
Vem logo,
Macaca!
Vem no giro, no voo,
No fio do sexo,
No canto que entoo
E doo
Ao nexo.
Macaca de Fogo,
A filha do sexo,
Macaca

De laca!
Vem na Lua rompente
A mar e céu de ilha:
Que Macaca é gente
E de repente
Estrela brilha.
Vem, fêmea inteira e lauta,
Macaca de franja!
Um fauno perdeu a flauta
Diante dela:
E eu, que a tanja!
Eu que me dane
Enquanto gane
Uma cadela!
Macaca, cadela «Pura»,
Teus olhos claros miosótis são:
Macaca de Fogo, ainda dura
A luz acesa pela tua mão!
Vem cá, Macaca! A noite é fria,
A Ilha é negra, a morte vã.
Eu abro a palma de Mão Roxa:
Descansa aqui na minha coxa,
Dorme comigo até amanhã!

Praia da Vitória, 28 de Setembro de 1974